

A UTOPIA NAS LETRAS DE AGOSTINHO NETO

Luciana da Costa Ferreira

Doutoranda em Teoria Literária – Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: Este artigo pretende refletir sobre a utopia nos poemas do escritor angolano Agostinho Neto. Para isso, foram selecionados os poemas “Adeus à hora de largada” e “Haveremos de voltar” por apresentarem um discurso feito sobre a ótica de um sujeito envolvido em uma realidade de guerra. Sendo assim, os textos representarão dois momentos históricos vividos pelo eu lírico, em que a utopia ora é um sonho, ora é passível de concretização.

Palavras-chave: Literatura africana de Língua Portuguesa. Agostinho Neto – Poesia. Utopia – Tema literário.

Abstract: This paper reflects on the utopia in the poems of the Angolan writer Agostinho Neto. For this, we selected the poems “Adeus à hora de largada” and “Haveremos de voltar” for presenting a speech on the perspective of a subject involved in a reality of war. Thus, the texts represent two historical moments experienced by the self-lyrical, sometimes in that utopia is a dream and is now capable of achieving.

Keywords: African Literature in Portuguese. Agostinho Neto – Poetry. Utopia – Literary Theme.

Introdução

No Brasil, observa-se um crescente interesse pelo estudo das literaturas africanas. Os laços que nos unem a esses povos nos ajudam a entender e refletir sobre conceitos ligados a sociedades que se viram, por muitos anos, sob domínio de colonizadores. É relevante notar que, em virtude da opressão submetida a esses povos, surge uma necessidade de sonhar. A fantasia utópica, primeiramente subjetiva, pode sim passar para a esfera da objetividade. Desse modo, os poemas que serão trabalhados nesse artigo demonstram que a utopia é um elemento importante para a transformação de um presente insatisfatório. Com isso, foram selecionados os poemas “Adeus à hora da largada” e “Haveremos de voltar”. Textos esses que demonstram bem dois momentos em que a *persona* poética revela que a utopia pode ser vista e sentida de modos diversos.

Inicialmente, o primeiro poema mostrará a dor de ter que abandonar a sua pátria em um momento em que a guerra parece perdida:

Adeus à hora da largada

Minha Mãe
(todas as mães negras
cujos filhos partiram)
tu me ensinaste a esperar
como esperaste nas horas difíceis

Mas a vida
matou em mim essa mística esperança

Eu já não espero
sou aquele por quem se espera

Sou eu minha Mãe
a esperança somos nós
os teus filhos
partidos para uma fé que alimenta a vida

Hoje
somos as crianças nuas das sanzalas do mato
os garotos sem escola a jogar a bola de trapos
nos areais ao meio-dia
somos nós mesmos
os contratados a queimar vidas nos cafezais
os homens negros ignorantes
que devem respeitar o homem branco
e temer o rico

somos os teus filhos
dos bairros de pretos
além aonde não chega a luz elétrica
os homens bêbedos a cair
abandonados ao ritmo dum batuque de morte
teus filhos
com fome
com sede
com vergonha de te chamarmos Mãe
com medo de atravessar as ruas
com medo dos homens
nós mesmos

Amanhã
entoaremos hinos à liberdade
quando comemorarmos
a data da abolição desta escravatura

Nós vamos em busca de luz
os teus filhos Mãe
(todas as mães negras)

cujos filhos partiram)
Vão em busca de vida.

Já o segundo poema, escrito em uma prisão em Lisboa, representa o desejo de retornar ao seu país:

Havemos de voltar

Às casas, às nossos lavras
às praias, aos nossos campos
havemos de voltar

Às nossos terras
vermelhas de café
brancas de algodão
verdes dos milharais
havemos de voltar

às nossas minas de diamantes
ouro, cobre, de petróleo
havemos de voltar

Aos nossos rios, nossos lagos
às montanhas, às florestas
havemos de voltar

À frescura da mulemba
às nossas tradições
aos ritmos e às fogueiras
havemos de voltar

À marimba e ao quissangue
ao nosso carnaval
havemos de voltar

À bela pátria angolana
nossa terra, nossa mãe
havemos de voltar

Havemos de voltar
À Angola libertada
Angola independente

O foco, então, incidirá nos movimentos de partida e chegada do sujeito poético em sua terra natal. Na análise desses movimentos será feita uma discussão sobre o conceito de utopia presente nessas letras.

A utopia é definida, primariamente, como um estado de espírito onírico, fantasioso, típico daqueles que se evadem da realidade e que vivem com “a cabeça na lua”. Contudo, perceberemos que ser utópico não é estar distante da realidade e sim conflitante com ela. Modernamente, a utopia é vista mais como um não conformismo, isto é, com uma não aceitação da realidade. Sendo assim, partiremos de um conceito de utopia baseado na oposição do sujeito poético à ordem existente.

Essa conceituação nos poemas selecionados tem como pano de fundo historiográfico a presença em Angola do colonizador português guiado pela mão de ferro de Salazar. Angola passou 500 anos (1482-1975) sob o jugo de Portugal. A luta pela libertação nacional levou 14 anos (1961-1975) e prosseguiu com uma sangrenta guerra civil pela disputa do poder. Os textos que serão apresentados registram períodos entre 1945 e 1960. Eles marcam uma época em que podemos ver duas situações: a independência como uma utopia e como uma esperança mais concreta, já que, durante a década de 50, muitos angolanos começaram a exigir o fim da dominação de Portugal.

Agostinho Neto quando, através de seu sujeito poético, escreveu as letras que se seguem preferiu as seguintes palavras: “Eu já não espero sou aquele por quem se espera”. O poeta, certamente, não imaginava que algo estaria esperando-o quase vinte anos depois: a presidência de seu país. O poeta transformou a sua utopia em realidade. O comando de uma Angola ávida por reconstrução estava em suas mãos. E suas mãos, ao comandarem o leme de uma nova nação, abandonaram o discurso poético. Agostinho Neto presidente deixou para trás o poeta. Porém, como disse o poeta Ricardo Silvestrini, “é no seu livro que o poeta está enterrado vivo”¹. O sujeito poético criado por Agostinho Neto traz para o leitor imagens de um povo em busca de luz, em busca de vida.

A hora da partida

Podemos começar nossa análise recorrendo ao nosso imaginário de uma clássica cena da partida de um personagem. Na pintura dessa cena, delineamos um ambiente sombrio, gente

que fica, saudade que vai e que fica, muita tristeza, e um misto de esperança e medo. Motivos para as partidas são muitos, porém os sentimentos individualizantes são, paradoxalmente, universalmente presentes na sensibilidade humana.

A arte, seja literária ou não, expressa e partilha muito bem esses sentimentos presentes no doloroso ato de partir. No poema “Adeus à hora da largada”, o partir ganha outra denominação: largar. A hora de sair de sua pátria não é uma simples partida – um deslocamento espacial – e sim a hora de largar, de deixar para trás todas as lutas e esperanças já almejadas. E esse ato de “largar” produz no inconsciente humano um sentimento de abandono, de frustração por não poder fazer mais.

No poema em questão o título já anuncia o tormento desse sujeito poético, já que “na hora da largada” dá-se um adeus. A sensação é a de que a partida é para sempre, que o tempo dos sonhos é esmagado pela realidade.

Recorrendo-se, frequentemente, à metáfora da mãe como representação da pátria, todo o poema configura-se como uma carta de despedida àquela que o trouxe à vida. Como se a lesse de olhos baixos e quase sussurrando, o sujeito poético registra os porquês da decisão de abandonar a sua própria mãe:

Minha Mãe
(todas as mães negras
cujos filhos partiram)
tu me ensinaste a esperar
como esperaste nas horas difíceis

Mas a vida
matou em mim essa mística esperança

A esperança transfigurou-se em uma torturante espera e produziu no sujeito poético a vontade de largar sua “pátria-mãe”. Porém, mesmo convivendo com o doloroso sentimento de abandono, esse sujeito carrega fagulhas de esperança e vê na sua partida não apenas a morte da esperança e sim o seu possível renascimento:

Eu já não espero
sou aquele por quem se espera

Sou eu minha Mãe
a esperança somos nós
os teus filhos
partidos para uma fé que alimenta a vida.

O sujeito poético, que iniciou sua carta à “pátria-mãe” com os olhos baixos e com uma voz quase inaudível, começa a levantar a cabeça e a falar com mais firmeza. Quando fala em esperança substitui o “Eu” pelo “Nós”. O sentimento deve ser vivenciado coletivamente.

Ao reforçar o discurso incluindo todos os filhos em sua fala, mostra que o quadro do “hoje” é repleto de sombras, porém a luminosidade reinará no “amanhã”:

Hoje
somos as crianças nuas das sanzalas do mato
os garotos sem escola a jogar a bola de trapos
nos areais ao meio-dia
somos nós mesmos
os contratados a queimar vidas nos cafezais
os homens negros ignorantes
que devem respeitar o homem branco
e temer o rico

somos os teus filhos
dos bairros de pretos
além aonde não chega a luz elétrica
os homens bêbedos a cair
abandonados ao ritmo dum batuque de morte
teus filhos
com fome
com sede
com vergonha de te chamarmos Mãe
com medo de atravessar as ruas
com medo dos homens
nós mesmos

Amanhã
entoaremos hinos à liberdade
quando comemorarmos
a data da abolição desta escravatura

Nós vamos em busca de luz
os teus filhos Mãe
(todas as mães negras
cujos filhos partiram)
Vão em busca de vida.

A dor no presente em um quadro sombrio (com “garotos sem escola”, pessoas com fome, sede e vergonha) produz no sujeito poético mais vontade de buscar a luz. Todos aqueles que largam a “pátria-mãe” saem em busca de conhecimento, razão, de uma luminosidade para clarear a vida dos que ficam. Carregando nos ombros a missão de quase um messias (“sou aquele por quem se espera”), o sujeito poético busca novos ares, um sopro de vida para os filhos que, presos na escuridão, não conseguem vislumbrar a tão iluminada liberdade.

O que era uma despedida no início do poema transfigura-se em um “até logo”. O poema vai ganhando força quanto mais aproxima da ideia de que esse “eu”, na verdade, pode se converter em um “nós”.

Rancière, na obra *A partilha do sensível* (2005), discorre sobre o fato de a arte ocasionar efeitos sobre a sensibilidade. Dessa maneira, a arte seria um meio de reconfigurar nosso modo de sentir. Através da partilha do sensível, a estética ganha uma vertente política, na medida em que transforma o pensamento de uma comunidade.

Partindo dessa ideia de Rancière, trabalharemos esse conceito por um viés oposto no poema de Agostinho Neto. Em vez de enfocarmos a reconfiguração da sensibilidade no leitor, veremos essa transformação no próprio sujeito poético. Afinal, esse sujeito não apenas partilha o sensível e sim também passa por esse processo de transformação em sua sensibilidade.

No poema, “Adeus à hora da largada” percebemos o quanto a sensibilidade do sujeito poético consegue se aprofundar na medida em que mergulha no discurso estético. O título revela um sentimento de desencanto do sujeito poético: é chegada a hora de dizer adeus a todos os seus sonhos, as suas lutas. Esse sujeito diz que a vida lhe matou a esperança. Porém, na medida em que suas palavras se voltam para seus “irmãos”, para as mazelas de sua terra, há um despertar da sensibilidade do sujeito poético. Quando volta o seu olhar para a realidade das crianças nuas, da escravidão nos cafezais, do medo de pisar em sua

própria terra, a fagulha da esperança se reacende. A existência do medo no que vê no “hoje” realça os ideais de fraternidade e o impulsiona a querer lutar. Será através do próprio discurso estético que o sujeito começa essa “luta”, já que pelas vias poéticas sua sensibilidade é transformada. O poema, inicialmente antiutópico, ganha uma conotação utópica simbolizada nas próprias palavras que saltam nos versos: liberdade, abolição, luz, vida.

Essa análise do despertar da sensibilidade do poeta nos remete a um importante elemento presente na criação artística: a fantasia, a imaginação. O poema de Agostinho Neto apresenta dois movimentos marcados pelo “hoje” e pelo “amanhã”. A visão do “hoje” é guiada pelo princípio da realidade e a do “amanhã” pela fantasia. Quanto mais sua sensibilidade aprofunda, mais se afasta do princípio da realidade e se aproxima da fantasia, da imaginação. A recusa em aceitar o “hoje” faz com que o sujeito poético sonhe com um futuro feliz. É exatamente esse “hoje” sem perspectivas que faz com que o “amanhã” se configure como uma utopia. Marcuse, em *Eros e civilização*, afirma que “A fantasia é removida para a utopia pelo princípio da realidade” (1999, p. 134). Esse amanhã tão sonhado é, então, construído pelas vias da fantasia e configurado como utopia, uma quimera, um projeto de difícil realização.

Uma leitura superficial de Marcuse pode levar o leitor a ver esse afastamento da realidade como uma fuga, um delírio reforçado por uma impotência perante o que vê. Todavia, Marcuse (1999, p. 138) fala de uma função crítica da fantasia que se caracteriza pela “recusa em aceitar como finais as limitações impostas à liberdade e à felicidade pelo princípio da realidade”. Estar guiado pela fantasia não é sinônimo de um total rompimento com a realidade. O sujeito, na verdade, recorre à fantasia por se ver em conflito com a realidade. O sujeito poético simboliza toda a sua recusa ao que vê revelando o que gostaria de ver. O próprio Marcuse (1999, p. 139) afirma que há um valor de verdade na imaginação. Sonhar com um amanhã utópico não é, de modo algum, um delírio, uma irrealidade e sim recusa à realidade.

Como complemento, nas palavras de Rancière (2005, p. 61), a utopia é um “não-lugar” e um “bom lugar”. A utopia, fazendo o uso de uma metáfora, seria comparada à linha do horizonte. O que o olho humano vê é um “bom lugar” (símbolo de nossos sonhos), porém não conseguimos chegar até o horizonte (até esse “não-lugar”), já que ele sempre escapa de nossa visão. Citando Eduardo Galeano:

A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar².

As palavras de Galeano reforçam, portanto, a ideia de que ser utópico não é associado a um total afastamento da realidade. Aproximar-se da fantasia não produz uma total imobilização no ser-humano. As utopias movem sim os sujeitos e a fantasia, apesar de serem vistas como um afastamento da realidade; têm o poder de transformá-la. Citando Jacóby (2007, p. 40), a utopia “busca a emancipação ao visualizar um mundo baseado em ideias novas”. E essas “ideias novas”, justamente, são as que movem a caminhada do pensamento do sujeito poético.

Por fim, o sujeito do poema em questão não deixou de caminhar ao se guiar pela sua utopia. Pelas vias da fantasia, a linha do horizonte surge aos olhos do sujeito como um símbolo utópico de um amanhã livre, repleto de luz e de vida. E esse amanhã ganhará novos ares como veremos no próximo capítulo. O sujeito poético continua, então, sua caminhada nas letras a seguir.

A hora da chegada

Distante da “pátria-mãe”, o sujeito poético anuncia: “Havemos de voltar”. Apesar de utilizar um verbo no presente e não no futuro, a esperança de um futuro retorno parece mais concreta.

Aqueles que foram em busca de luz, de vida, celebram o momento de voltarem a sua “pátria-mãe” em um cenário que não possui mais “*crianças nuas nas senzalas*” e nem bairros “aonde não chega a luz elétrica”:

Às casas, às nossos lavras
às praias, aos nossos campos
havemos de voltar.

O cenário, agora descrito, é repleto de cores, longe da escuridão que se vislumbrava na partida:

Às nossos terras
vermelhas de café
brancas de algodão
verdes dos milharais
havemos de voltar.

As riquezas e não as misérias são ressaltadas. A repetição do que é realmente “nosso” é enfatizada:

às nossas minas de diamantes
ouro, cobre, de petróleo
havemos de voltar.
Aos nossos rios, nossos lagos
às montanhas, às florestas
havemos de voltar.

O poema sinaliza uma volta às origens, ou seja, uma celebração de todas as riquezas africanas. O sujeito poético reforça o sentimento de união (enfatizado pelo uso do pronome possessivo “nosso”), de construção de uma identidade frente a uma nação consumida por anos de opressão e de apagamento de suas tradições. Celebram-se as tradições de seu povo, oprimidas pelo colonizador, destacando, assim, a redescoberta dos valores culturais angolanos:

À frescura da mulemba
às nossas tradições
aos ritmos e às fogueiras
havemos de voltar.
À marimba e ao quissangue
ao nosso carnaval
havemos de voltar.

Aquela “*mística esperança*” se reascendeu e há uma reafirmação de seus laços com sua “pátria-mãe”:

À bela pátria angolana
nossa terra, nossa mãe
havemos de voltar
Havemos de voltar
À Angola libertada
Angola independente.

Nessa leitura do poema podemos voltar nossa análise para a questão da utopia. O discurso desse sujeito poético estaria marcado por uma visão utópica de um “amanhã” feliz? Há, certamente, a presença da fantasia, da imaginação nesse discurso poético. E, como já foi mencionado, o princípio da realidade faz essa fantasia se tornar utopia. Porém, esse “hoje” expresso nessas letras não é tão sombrio quanto o de nosso primeiro poema. Se há um desejo de voltar, claramente denota que em sua “bela pátria angolana” há espaço para que seus sonhos possam ser realizados. Desse modo, a utopia é substituída por um sonho mais palpável e a promessa de felicidade que parecia ser algo difícil de concretizar mostra-se mais próxima.

Essa questão fica mais clara se trabalharmos com as ideias do sociólogo Karl Mannheim na obra *Ideologia e utopia* (1976). Para o autor, a utopia é o discurso do “não-existente” a partir da negação do “existente”. Porém, Mannheim afirma que não podemos ver o pensamento dos utopistas como delírios repletos de quixotismos. A utopia é sim um projeto irrealizável, porém essa “não-realização” pode ser apenas em sua época histórica. Segundo Mannheim, “A ordem existente dá surgimento a utopias que, por sua vez, rompem com os laços da ordem existente, deixando-a livre para evoluir em direção à ordem e existência seguinte” (1976, p. 223). Devemos levar em conta que a realidade está em constante transformação e a utopia segue o seu caminho em direção a outro tempo histórico onde pode vir a ser, justamente, um projeto passível de ser realizado. O fato é que se o pensamento humano não contestasse a ordem vigente, não se faria História.

É relevante notar que a definição dos utopistas como sujeitos distantes da realidade é reforçada pela ideologia dominante. Nos dois poemas, os sujeitos-poéticos contestam a

ordem vigente. E pensar além da “ordem” é um dos elementos centrais na emancipação do pensamento humano. Porém, os defensores da ordem vigente desqualificam essas intenções para que não abalem uma realidade que lhes é conveniente. Citando Mannheim:

Os representantes de uma ordem dada irão rotular de utópicas todas as concepções de existência que do seu *ponto-de-vista* jamais poderão, por princípio, se realizar. De acordo com esta utilização, a conotação contemporânea do termo “utópico” é predominantemente a de uma idéia em princípio irrealizável. (...) Dentre as ideias que transcendem a situação, existem certamente algumas que em princípio jamais poderiam realizar-se. Não obstante, os homens cujos pensamentos e sentimentos se acham vinculados a uma ordem de existência na qual detêm uma posição definida, manifestarão sempre a tendência a designar de absolutamente utópicas todas as ideias que tenham se mostrado irrealizáveis apenas no quadro da ordem em que eles próprios vivem (1976, p. 220).

No poema “Adeus à hora da largada” há a presença de uma utopia de ver um país livre dos desmandos do colonizador. A dureza de ver o que existe na nação angolana faz com que se imagine e idealize o que ainda não existe, isto é, uma terra de luz e de vida. Há uma intenção utópica de avançar, de esperar por um futuro mais positivo. O que vemos é um ser utópico planejando o diferente, porém o momento histórico ainda mostra que seu projeto é irrealizável “hoje” e não “amanhã”. Esse “amanhã” se mostra mais passível de ser concretizado no poema “Havemos de voltar”, visto que os tempos são outros. Pensar em uma Angola liberta e independente, nesse segundo momento, não é mais um projeto para um futuro distante. O poeta, agora, não pensa sob a ótica do “não-existente” e sim do “existente”: “nossos campos, nossas minas de diamantes, nossos rios, nosso carnaval”. As ideias do poeta começam a navegar em direção ao que de fato existe, tudo é mais concreto. O poeta visualiza a linha do horizonte e continua sua caminhada e, a partir do que é “nosso”, reforça o pensamento de que o momento de superar a ordem vigente está bem próximo.

É importante acrescentar que a utopia passa a ganhar o status de realizável quando conquista adeptos. Apesar de o poeta se declarar um messias, seus pensamentos só se tornam passíveis de materialização no momento em que alcançam um grande número de indivíduos. Desse modo, em “Havemos de voltar”, o uso da primeira pessoa do plural

mostra que aquela utopia aparece reforçada não apenas pela voz do poeta, mas também pluralizada pelas vozes de todos os seus irmãos.

Aliás, essa questão das vozes nos remete a um ensaio de Eliot, em que discorre sobre as três vozes presentes na poesia:

A primeira voz é a do poeta falando para si mesmo — ou não falando para ninguém. A segunda é a voz do poeta dirigindo-se a um auditório, grande ou pequeno. A terceira é a voz do poeta quando ele procura criar uma personagem dramática falando em versos; quando ele diz, não aquilo que pessoalmente nos diria, mas aquilo que lhe é possível dizer adentro dos limites de uma personagem imaginária (1997, p. 97).

Em “Havemos de voltar” percebemos claramente que o poeta se dirige para um metafórico auditório onde estariam presentes todos os seus irmãos angolanos. A utilização da segunda voz reforça a finalidade social do poema: anunciar que todos aqueles que um dia partiram daquela terra, agora não veem a hora de voltar para ajudar na construção de uma nação liberta.

Apesar de ter sido escrito na sua solidão – com o uso da primeira voz – a vontade de voltar não é cantada isoladamente pelo poeta e sim por todos aqueles que foram embora de sua terra. O canto é coletivo e ganha mais força com o “nós”. A saída parece ser a união.

O sujeito poético aproveita, portanto, a capacidade transformadora que a literatura proporciona, já que a poesia leva a uma mudança de olhar sobre o mundo. Nas palavras de Valéry (1999, p. 198), o poeta “transforma o leitor em ‘inspirado’”.

E será nessa inspiração que o sensível será partilhado. A voz do poeta – saudosa da frescura da mulemba, dos ritmos e das fogueiras – revela que as tradições, a luz e a vida que foi buscar em “Adeus à hora da largada” estão mais próximas e, acima tudo, perto de voltarem a iluminar a *sua* Angola.

Conclusão

No percurso feito através dos poemas selecionados, discutimos o conceito de utopia, a presença da imaginação e a função social da poesia tendo como pano de fundo a voz de um sujeito ficcional guiado pelas mãos reais de Agostinho Neto. A construção dos poemas nos apresentou um sujeito poético envolvido com a realidade que nos apresenta.

A referência à “pátria-mãe” tanto na hora de partir como na de chegar prova que, apesar da presença forte do colonizador europeu, todos os nativos têm algo em comum: a sua mãe, as suas origens. A invocação da “mãe” revela um grito de afirmação da existência de uma identidade angolana. Depois de um período de desenraizamento cultural, voltam-se os olhos para aquilo que lhes prende à sua pátria: as suas raízes.

Os poemas trabalhados possuem um estilo marcado pela simplicidade, visto que almejam a partilha do “sensível” presente em suas letras. Daí advém também a incorporação de elementos mais realistas em suas letras como forma de aproximação daqueles que o ouvem. Usando a segunda voz definida por Eliot, o sujeito poético dirige-se, primeiramente à sua “Mãe” e, em um segundo momento, aos seus irmãos. Ao dirigir-se à Mãe, que se mostra silenciosa, pretende falar em nome dos que partiram. Apresenta, então, uma justificativa para deixar a sua pátria. Já no segundo poema, a voz se mostra mais retumbante e se concretiza como um recado para a sua mãe e seus irmãos: nós vamos voltar. Usando essa segunda voz mostra que a arte literária tem uma função política, de conscientização da sociedade.

Certamente, toda essa transformação no sujeito poético ocasiona um efeito na sensibilidade de quem o lê. Os desejos do sujeito poético simbolizam bem dois momentos distintos na história dessa nação. Na hora da partida, os desejos são utópicos. A realidade não impede que se tenham sonhos, porém os tornam difíceis de serem realizados. Mas, por outro lado, na hora da chegada, os desejos estão próximos de serem concretizados, todos os sonhos podem vir a se tornar realidade. E aquela promessa de felicidade não é mais uma “linha no

horizonte”, ela está ali diante dos olhos de cada um que partilha da sensibilidade exposta nas palavras do sujeito poético: “Haveremos de voltar”. Não é mais um sonho para o futuro e sim o presente verbalizado na própria construção da palavra.

Concluindo, a utopia foi mostrada como um elemento que faz o uso da fantasia, porém não se caracteriza por ser algo eternamente irrealizável. Vimos que a utopia se nutre da imaginação e que possui sim uma função crítica: de contestar aquilo que vê. Citando André Breton (*apud* MARCUSE, 1999, p. 138), “Somente a imaginação me diz o que pode ser”. Foram, então, as utopias em “Adeus à hora da largada” que impulsionaram esse sujeito poético a buscar a vida e a luz que tanto desejava. “Havemos de voltar” é prova de que ser utópico não é estar paralisado, impotente frente ao real. O segundo poema simboliza, exatamente, o prosseguimento de uma caminhada que se iniciou na hora da “largada”. As ideias novas emanciparam o sujeito poético e renovaram o seu modo de ver a *sua* Angola.

Referências

- COELHO, Teixeira. *O que é utopia*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- ELIOT, T. S. *Ensaio de doutrina crítica*. Lisboa: Guimarães, 1997.
- GALEANO, Eduardo. Utopia. Disponível em: <http://pt.wikiquote.org/wiki/Eduardo_Galeano> Acesso em: 10 fev. 2012.
- JACÓBY, Russel. *Imagem imperfeita*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- MANNHEIM, Karl. *Ideologia e utopia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- MARCUSE, Herbert. *Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1999.
- NETO, Agostinho. Adeus à hora da largada. Havemos de voltar. Disponível em: <<http://www.agostinhoneto.org>>. Acesso em: 1º fev. 2012.
- RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível*. São Paulo: 34, 2005.
- SILVESTRINI, Ricardo. Não quero mais de um poeta. Disponível em: <<http://www.ricardosilvestrin.com.br>>. Acesso em: 10 fev. 2012.
- VALÉRY, Paul. *Variedades*. São Paulo: Iluminuras, 1999.

Recebido em 31/03/2012
Aprovado em 29/10/2012

¹ O poema “não quero mais de um poeta” encontra-se transcrito no site <http://www.ricardosilvestrin.com.br/?apid=822&tipo=3&wd=no&dt=-1>.

² No original: “Utopía [...] ella está en el horizonte. Me acerco dos pasos, ella se aleja dos pasos. Camino diez pasos y el horizonte se corre diez pasos más allá. Por mucho que yo camine, nunca la alcanzaré. ¿Para que sirve la utopía? Para eso sirve: para caminar”. Disponível em: <http://pt.wikiquote.org/wiki/Eduardo_Galeano>.